

Semiótica de Gênero na Construção da Maternidade em Capas da Vogue: Uma Análise Crítica da Influência do Patriarcado e da Colonialidade na Sociedade¹

Patrícia RIFFEL²

Suelen OLDONI³

Jozieli CARDENAL⁴

Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP), Pato Branco, PR

RESUMO

O presente trabalho refere-se a uma análise semiótica sobre a representação do papel social da mulher enquanto mãe em duas capas da Revista Vogue: a edição brasileira de 2016, estrelada pela modelo gaúcha Caroline Trentini, e a edição britânica de 2023, que tem como figura central a superstar Rihanna. A análise buscou compreender como as imagens e os elementos sógnicos influenciam na percepção da identidade e na construção de gênero. Nesse sentido, aborda-se, ainda, a herança social eurocêntrica patriarcalista e sua relação com a colonialidade discursiva, com base em teorias de Mikhail Bakhtin e Charles Sanders Peirce, além da concepção de gênero e colonialidade de María Lugones.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; Gênero; Maternidade; Patriarcado; Colonialidade.

Introdução

Historicamente, os valores patriarcais tradicionalistas acarretaram às mulheres a função de cuidar dos filhos e realizar afazeres no âmbito doméstico. Desta forma, reflete-se como a sociedade reage perante aos novos papéis conquistados pelas mulheres no cenário atual, bem como, a concepção de maternidade não se restringe somente ao vínculo afetivo da mãe, considerando a participação masculina durante todo o processo de criação dos filhos.

Nesse sentido, conforme aponta Scott (1990), o gênero se constrói culturalmente por ideologias que tomam formas específicas em cada momento histórico, associando-se

¹Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 08 a 10 de junho de 2023.

²Estudante de Graduação 3º período do Curso de Publicidade e Propaganda do UNIDEP, email: patriciariffels@gmail.com

³Estudante de Graduação 3º período do Curso de Publicidade e Propaganda do UNIDEP, email: suelen.oldoni123@gmail.com

⁴Orientadora do trabalho, professora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP), e-mail: jozieli.cardenal@unidep.edu.br.

às questões político-econômicas culturais. A construção de gênero questiona a subordinação da mulher advinda das relações sociais entre homens e mulheres, compreendidas como formas de dominação e poder. Diferencia-se de sexo porque este se refere às diferenças anátomo-fisiológicas existentes entre homens e mulheres, enquanto esse refere-se a maneira que as diferenças entre homens e mulheres vão sendo formatadas nas diversas sociedades e tempos históricos (SCOTT, 1990).

Esses valores históricos são características estruturais de sociedades colonizadas. A intersecção de raça, gênero e sexualidade determinam as complexas relações de poder que surgiram com a colonização (QUIJANO, 2005, 2007; LUGONES, 2020) – no caso do Brasil, portugueses inseriram suas percepções de vida no tecido social colonizado, colocando a cultura nativa em um lugar de subalternidade. Nesse sentido, múltiplas formas de opressão foram introduzidas na sociedade, que até hoje reverbera esses padrões e modos de experiência, por meio de signos socialmente normatizados.

As revistas de moda direcionadas principalmente ao público feminino, são importantes meios de construção e perpetuação de identidades de gênero. Uma vez que, esses meios de comunicação são um espelho da realidade e contribuem para que determinados conceitos sejam reforçados, influenciando a maneira como os indivíduos veem o mundo e interagem entre si.

1 Alguns resultados

A edição de setembro de 2016 da Revista Vogue Brasil traz a modelo gaúcha, Caroline Trentini, amamentando na capa. Sua representação associa-se à Mãe Natureza com colorações amarronzadas e esverdeadas, os tons terrosos, que transmitem conforto e acolhimento, e principalmente o natural, que remete ao meio ambiente, à terra e ao orgânico, para a imagem atemporal. O marrom também se relaciona com o outono, que acontece durante o mês de setembro, edição da capa da revista. Além disso, essa estação faz apologia ao período de colheitas, notório nas árvores frutíferas da figura, que representa o renascimento, no qual mudanças importantes ocorrem.



Figura 1. Vogue Brasil. Setembro de 2016.

Precipuamente, é importante destacar que o ato de amamentar é extremamente necessário para a criança. Contudo, essa ação por muito tempo ficou restringida somente para o espaço do lar, uma vez que, caso a mulher fosse vista expondo seus seios em lugares públicos, esse ato era considerado irregular ou até mesmo imoral. Isso porque o corpo feminino antes de ser materno, é objeto de desejo. Essa dicotomia criada entre o seio materno e o seio erótico coloca a mulher em um patamar de objetificação. Assim, cria-se significados e simbologias opostas ao corpo feminino (BUTLER, 2003), que em determinado cenário é visto como um corpo santo de mãe e em outro contexto, torna-se um corpo pecaminoso.

No apoio textual da capa, observa-se a seguinte chamada *“Hipnose para emagrecer e as aulas mais power das academias”* e *“Os 5 top tratamentos para perder medidas”*, duas frases com foco em emagrecimento. Essas “dicas” evidenciam a obsessão pela perda de peso pós-gestação imposta pela sociedade, em uma capa que traz uma mulher que acabou de ter seu filho. O foco do apoio textual deveria estar centrado nas questões sociais relacionadas ao âmbito materno e paterno, deixando evidente assuntos importantes como a falta de cuidado e obrigações do homem neste período.



Figura 2. Vogue Britânica. Março de 2023.

Na sequência analisa-se a capa da Vogue Britânica de março de 2023, que estampa a cantora, atriz, empresária e compositora Rihanna juntamente de seu marido ASAP Rocky e seu filho, que ainda não teve seu nome divulgado na mídia. A capa é um marco na representatividade da mulher enquanto mãe na sociedade atual, visto que, pela primeira vez, temos a figura paterna presente no periódico, enquanto segura a criança. A inclusão do homem torna-se uma ação fundamental para a promoção da emancipação feminina neste contexto. Uma vez que, os homens devem participar desse processo de cuidado e responsabilidade.

Ademais, cabe salientar o simbolismo que é ter um casal negro com tamanha representatividade internacional exibindo a capa, desconstruindo tabus em relação as funções de gênero da contemporaneidade. A imagem da Rihanna liderando o caminho à frente de seu marido, demonstra o empoderamento e a força de milhares de mulheres que lutam todos os dias para ocupar cargos de liderança na sociedade, que vão além da perspectiva de mãe e dona de casa.

Ao distinguir, analisar e compreender os signos que fazem parte da capa da revista, coloca-se em prática a tríade peirceana: a *primeiridade* refere-se ao signo em si, em seu estágio inicial e sensorial de formação; a *secundidade*, ao signo em sua relação com o objeto; e a *terceiridade* aborda o signo em sua relação com o interpretante (SANTAELLA, 2002).

A construção semiótica realizada pela equipe da Vogue na capa da revista, revela simbologias e significados que vão além da imagem dos artistas, complementando-se perfeitamente com a mensagem proposta. Segundo Peirce (1997), para enxergar o mundo

com os olhos da semiótica e identificar a variedade que compõem cada elemento da sociedade, faz-se necessário acessar as camadas mais profundas da consciência. Nesse contexto, para compreender a razão por trás do mar na capa da revista e as colorações escolhidas, necessita-se repertório e entendimento sobre o assunto. Assim, somente desta forma é possível desvendar o que há por trás dessas escolhas, e fazer uma construção simbólica de sentido. O repertório do interpretante é imprescindível e essencial para o estudo da semiótica.

No Brasil a capa da revista teve uma repercussão negativa levantando diversos debates sociais, visto que, Rihanna está à frente de seu marido. Essa repercussão é o reflexo de uma sociedade fruto do colonialismo, no qual discrimina a figura da mulher e continua impondo funções do lar e da criação de filhos. A retratação de Rihanna na posição de liderança é fundamental para a construção de um corpo social mais justo e igualitário para as mulheres, juntamente da presença de seu esposo mostrando cuidado e uma paternidade ativa na relação.

Essa repercussão resulta da relação movente e contínua entre interpretante, objeto e signo da semiótica. Uma vez que, cada indivíduo irá interpretar cada produção sógnica de forma diferente, e isso se deve ao fato da bagagem de repertório, vivências e experiências de vida pessoais de cada um – o que podemos identificar enquanto arena ideológica (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014). Assim, mesmo a capa buscando transmitir uma quebra de paradigmas e uma evolução na forma como a mulher é vista na sociedade pelos meios de comunicação, existem interpretações diferentes e negativas acerca do assunto.

Para finalizar, a representação da mulher negra na mídia, em capas de revistas, é um aspecto importante na luta por uma sociedade inclusiva. As mulheres negras têm sido muitas vezes estereotipadas ou objetificadas. Assim, aumentar a representatividade de mulheres de pele escura nas mídias, contribui para diminuir formas de discriminação e preconceito. Isso faz com que seja promovido a diversidade e a valorização da cultura e do espaço social de mulheres negras, aumentando a conscientização sobre temas importantes que afetam essa comunidade, como desigualdade racial, violência, sexualização e racismo estrutural.

Conclusão

Dentre o período de sete anos que separa o lançamento das duas capas analisadas na mídia, observa-se a diferença na representação da figura materna. Em 2016, a modelo está amamentando seu filho na capa com um texto de apoio da revista que fala sobre técnicas de emagrecimento. Em 2023, a capa aborda a cantora barbadense Rihanna Fenty, junto de seu marido e seu filho, com muito empoderamento feminino e a demonstração da paternidade. Essa representatividade, faz-se demasiadamente necessária visto a repercussão negativa que a capa trouxe em alguns cenários, evidenciando os muitos passos que a sociedade infelizmente ainda precisa seguir em relação a construção e a igualdade de gênero.

Para finalizar, essas construções acerca do gênero que surgiram por meio do viés patriarcal devem ser combatidas. Segundo Lugones (2020), a decolonialidade é o caminho para resistir e desconstruir os padrões, conceitos e perspectivas impostas às sociedades colonizadas, libertando as produções nacionais de conhecimentos eurocêntricos. Assim, cabe aos meios de comunicação enquanto amplificadores do cotidiano social desenvolver pautas que representem as mulheres no contexto atual, buscando desconstruir padrões acerca da figura feminina.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16ª ed. São Paulo: Hucitec 2014.
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.151
- LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar: 2020. p. 52-83.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo. Perspectiva. 1997.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, globalização e democracia. **DEP: Diplomacia, Estratégia e Política/Projeto Raúl Prebisch no. 6** (abril/junho 2007) – Brasília: Projeto Raúl Prebisch, 2007.
- _____. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In. LANDER, Edgardo (org). **Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp. 107.
- SANTAELLA, L. **Semiótica Aplicada**. São Paulo, Pioneira Thomson Learning. 2002.